

O primeiro passo de um grande americano para sair da escravidão

A JANELA LAVADA

Dorothy Canfield Fisher

INICIANDO a vida como escravo, Booker T. Washington tornou-se um dos mais destacados educadores da América. Eis a história que ouvi de seus próprios lábios, da lição que uma mulher branca lhe ensinou e que lhe abriu as portas de uma vida civilizada.

NUNCA SOUBE exatamente que idade eu tinha quando vi pela primeira vez a Sr.^a Ruffner mas, ao que pude apurar, nasci escravo, numa fazenda da Virgínia, por volta de 1858. Minha casa era um barraco de madeira, com chão de terra batida, medindo cerca de quatro metros por cinco.

Dormíamos sôbre montes de trapos imundos. Até bem crescido, já rapazinho, eu só usava uma peça de roupa, uma camisa de aniagem.

Como os outros escravos, comia broa de milho e carne de porco, porque eram coisas que se podiam produzir na fazenda, sem despesa em dinheiro. Nunca vira outra coisa senão as acomodações dos escravos, na fazenda onde nascera, e de relance, algumas vêzes, a casa grande onde moravam os nossos donos brancos. Não me lembro de uma só vez, durante a minha infância e juventude, em que nossa família se reunisse em tórno de uma mesa, para comer uma



refeição, como costumam fazer as famílias humanas. Comíamos como animais, quando e onde encontrássemos alguma coisa comível.

Depois da Guerra Civil, quando já não éramos mais escravos, minha família mudou-se para um núcleo perto de uma mina de sal, onde me empregaram, embora fôsse apenas uma criança. E muitas vêzes começava o meu dia de trabalho às quatro horas da manhã. Vivíamos ali numa miséria ainda mais pavorosa, pois a nossa minúscula choupana era numa favela apinhada, indescritivelmente imunda—literal e moralmente. Logo que fiquei um pouco mais crescido e mais forte, fui transferido da mina de sal para uma mina de carvão. As duas minas eram de propriedade do General Lewis Ruffner.

Por essa época, eu já tinha aprendido as primeiras letras e sabia ler a meu modo; a maior parte aprendi por minha própria conta, com algumas horas irregulares numa escola noturna para negros. E ouvi duas notícias que pareceram cintilações muito distantes, no negrume da mina de carvão. Uma foi sôbre uma escola para estudantes de côr—chamava-se Instituto Hampton—onde se podia aprender alguma coisa mais do que as primeiras letras. A outra foi a que a espôsa do General Ruffner era do Norte, que antes do casamento fôra professôra numa das primeiras escolas de negros no Sul e que se interessava pela educação da gente de côr que trabalhava para ela.

Ouvi dizer também que era tão

exigente que ninguém prestava para ela e que os meninos pretos que se empregavam em casa dela tinham tanto mêdo e achavam tão difícil agradar-lhe que nunca ficavam muito tempo. Mas o ordenado era de cinco dólares por mês, com casa e comida e talvez ela estivesse disposta a deixar-me continuar estudando. Arranjei coragem e resolvi experimentar.

Eu era um mineiro grande e sacudido, mas tremia quando fui pedir aquêle emprêgo. Os Ruffners acabavam de mudar-se para uma casa velha, que estivera vazia durante algum tempo, e não tinham ainda desencaixotado a mobília. Os anexos da casa também não tinham sido ainda concertados. A Sr.^a Ruffner estava escrevendo numa mesa improvisada, feita de uma tábua sôbre dois barris.

Gaguejando, eu disse que viera pedir trabalho. Ela se voltou na cadeira e olhou para mim em silêncio. Nunca uma pessoa me tinha olhado daquela maneira, como se quisesse ver que espécie de gente eu era. Lembro-me de que ela tinha olhos cinzentos-claros e firmes.

—Pode experimentar—disse ela. —Pode, aliás, começar limpando o depósito de lenha.

O depósito de lenha era escuro e estava apinhado de tôda espécie de coisas sujas, das quais se desprendia um cheiro acre. A Sr.^a Ruffner trouxe uma lata de lixo e uma vassoura, colocou uma pá na minha mão e disse:

—Agora comece. Ponha o lixo que tirar naquela pilha, ali no pátio atrás da casa e mais tarde queimaremos tudo. Tudo que não possa ser queimado, como vidro quebrado, ponha neste barril.

E foi embora.

É preciso não esquecer que eu nunca tinha limpado um quarto na minha vida. Nunca vira um quarto limpo. Mas estava acostumado a fazer o que me mandavam e empenhadíssimo em aprender mais do que sabia. Comecei assim a tirar as coisas que qualquer pessoa perceberia que eram lixo, tais como trapos podres, que se desmanchavam no momento em que eu os tocava. Num canto estava a carcassa de um cachorro morto há muito tempo, que eu carreguei para a pilha de lixo no pátio lateral. Havia vidro por toda parte, garrafas de uísque quebradas, cacos de louça. Varri tudo isso, peguei as varreduras com as mãos (não tinha a menor idéia do fim a que se destinava uma lata de lixo), e carreguei-as para fora.

O galpão me pareceu tão melhorado que eu fui procurar a Sr.^a Ruffner. Ela estava ainda escrevendo.

—Já limpei tudo—disse-lhe.

Ela afastou a cadeira e foi comigo até ao galpão.

Não fêz comentários quando abriu a porta e olhou em volta. Depois, observou tranqüilamente:

—Há ainda algumas coisas a fazer. Você podia empilhar aquêles pedaços de madeira e colocá-los junto à

parede, no canto. Servem para fazer fogo. Não esqueça de limpar bem o chão antes de começar a empilhar a lenha. E aqui há ainda uma pilha de trapos podres, está vendo? É aquêl monte de coisas atrás da porta. É melhor separar tudo e ver o que é. Jogue fora o lixo que há no meio.

Voltou-se para ir embora, dizendo:

—Vá continuando até acabar e depois venha dizer-me.

Ela não falava com simpatia; nem com antipatia. Olhei para o galpão com novos olhos e vi que tinha apenas começado. Com surprêsa, notei que estava suando.

A tarefa não era pesada para mim, está claro. Era brincadeira de criança em comparação com o trabalho estafante que eu sempre fizera. O que me fazia suar era o trabalho que eu tinha que dar à cabeça. Até então, sempre que alguém me dava alguma coisa para fazer, ficava em cima, fiscalizando, para pensar por mim.

Dessa vez eu estava resolvido a fazer tudo direito. Depois que tinha a cabeça no que estava fazendo, achava espantoso que tanta coisa me tivesse passado despercebida.

Abaixei-me para desemaranhar as coisas amontoadas atrás da porta, num bôlo côr de lama. Quando o remexi, saiu de lá uma cobra, que rastejou, ondulante, em direção à porta. Era uma cobra grande. Não me espantei. Estava acostumado a cobras. Atirei-lhe uma pedra na cabeça e carreguei o corpo comprido e prêto para a pilha de lixo. Cheguei a

um canto onde evidentemente hou-
vera galinhas chocando; estava tudo
coberto de sujeira que elas haviam
deixado. Não me importei de limpar
aquilo, nem de apanhar o corpo de
uma galinha que achei morta, no
meio do lixo. Mais trapos apodreci-
dos, umas calças manchadas e rasga-
das, em tal estado que não serviam
mais nem para mim. Alguns peda-
ços de madeira em condições de ser-
vir de combustível. Era preciso pri-
meiro desembaraçar cada coisa das
outras com que estava misturada, e
eu tinha que pensar no que ia fazer
de cada uma delas. Não era de es-
pantar que o suor me escorresse pelo
rosto, em tal quantidade que, para
ver, eu precisava enxugar os olhos
com as costas das mãos.

Finalmente, foi removido o últi-
mo detrito. Juntei com a vassoura a
imundície que fôra caindo no chão
enquanto eu trabalhava e carreguei
tudo para a pilha de lixo. Fui então
chamar a Sr.^a Ruffner.

—Está tudo pronto—disse-lhe.

Ela deixou a caneta sôbre a mesa
e veio ver outra vez. Sem uma pala-
vra, correu atentamente os seus olhos
claros pelo que eu andara fazendo.
Eu me sentia nervoso, mas não espe-
rava que ela dissesse de novo:

—Está melhor, mas ainda há mui-
ta coisa a fazer. Você não tocou nas
teias de aranha.

Levantei os olhos e fiquei de
queixo caído. Realmente, lá estavam
as teias de aranha, formando longas
guirlandas negras. Não me ocorrera
levantar a cabeça para vê-las.

—Seria bom também lavar a ja-
nela. Arranje um balde d'água. To-
me uns trapos limpos. Será preciso
esfregar várias vêzes.

Voltou para dentro de casa e eu
fiquei parado, sacudido por tantas
idéias novas que nem sei mais. Não
tinha sequer notado que havia uma
janela, tal a quantidade de poeira e
teias de aranha que a cobriam. E eu
nunca tivera noção de vidraças. Nas
choupanas escuras onde vivera, as
janelas eram apenas buracos abertos
nas paredes.

Pus-me outra vez a trabalhar, com
o suor escorrendo pelo rosto. E se
ela nem sequer me deixasse tentar
o emprêgo? Eu nunca poderia en-
trar para o Instituto Hampton. E se
eu nunca me ajeitasse com o que ela
queria? Recomecei a limpar aquê-
le depósito! Parava de vez em quando
e ficava inteiramente imóvel, para
olhar em volta, como nunca olhara
para coisa nenhuma, procurando re-
almente ver. Acho que nunca mais
na minha vida eu me empenhei tan-
to em fazer uma coisa bem feita
como a limpeza daquele velho de-
pósito de lenha.

Quando cheguei ao que supus ser
o fim, olhei para o teto: além de não
terem mais teias de aranha, as vigas
estavam limpas de poeira. O chão
estava impecável; nem uma lasca,
nem um fiapo, nem um caquinho de
vidro. Pilhas de lenha encostadas às
paredes. E a janela! Eu tinha lavado
aquela janela cinco vêzes. E como
brilhava! Como o sol penetrava por
ali! O galpão se transformara num

quarto. Para mim, parecia uma sala de visitas. Orgulhava-me. dêle E até então eu nunca me orgulhara de coisa alguma que tivesse feito.

Pela terceira vez fui chamar a Sr.^a Ruffner. Eu era um rapagão, com o dôbro do tamanho dela, mas as minhas mãos e os meus lábios tremiam. Eu me sentia mal. Teria feito tudo direito desta vez? Seria capaz de fazer alguma coisa direito, algum dia?

Observei a fisionomia dela enquanto passava em revista o meu trabalho, olhando cuidadosamente para baixo, para cima, em tórno. Voltou-se depois para mim e, olhando dentro dos meus olhos, disse:

—Agora está limpo. Ninguém seria capaz de fazer melhor.

Ela acabava de abrir a porta pela qual eu dei o meu primeiro passo para a vida civilizada.



Dividendo Extraordinário

UM BANDIDO experimentado de Memphis, Henry Bondurant, achou que o banco da pacata cidadezinha de Middleton, no Tennessee, seria uma "sopa". Não levou em conta que a gente de Middleton, se gosta de dormir, gosta também de caçar.

Em 21 de fevereiro de 1952, Bondurant entrou insolentemente no Banco de Middleton e anunciou um assalto. Quando o caixa F. L. Simpson tentou bater a porta do cofre, Bondurant deu-lhe hàbilmente um tiro na mão, ameaçando matar qualquer outra pessoa que intervisse. Depois recolheu mais de 18.000 dólares e encaminhou-se para o carro destinado à fuga.

Mas o tiro fôra ouvido e, quando Bondurant chegou à rua, a população de Middleton, em ordem de combate, convergia para o local com suas espingardas e carabinas. De início, furaram a tiros os pneumáticos do carro que devia servir à fuga. Bondurant esquivou-se para outro carro, depois para um caminhão, disparando o tempo todo. Mas a gente de Middleton despejava muito mais chumbo. Dentro de poucos segundos, o audacioso e perverso Bondurant caía, gravemente ferido, nos braços do subdelegado.

Durante a perseguição e o tiroteio, o produto do roubo se espalhou pela rua. Abandonando a contragosto a caçada, os bravos cidadãos de Middleton foram apanhando as notas e moedas e levaram tudo de volta para o banco. Os funcionários deram um balanço; depois, incrédulos, contaram tudo outra vez. O banco tinha em caixa precisamente 80 centavos mais do que quando se dera o assalto. Que eu saiba, foi essa a única vez na história que um banco teve lucro com um assalto.